

ONDJAKI

Os transparentes

Romance

Copyright © 2013 by Ondjaki

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Sabine Dowek

Foto de capa

<completar>

Revisão

Thaís Totino Richter

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ondjaki

Os transparentes : Romance / Ondjaki. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2282-0

1. Romance angolano (Português) t. Título.

13-04633

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura angolana em português

869.3

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

— ainda me diz qual é a cor desse fogo...

o Cego falou em direção à mão do miúdo que lhe segurava o corpo pelo braço, os dois num medo de estarem quietos para não serem engolidos pelas enormes línguas de fogo que saíam do chão a perseguir o céu de Luanda

— se eu soubesse explicar a cor do fogo, mais-velho, eu era um poeta desses de falar poemas

com voz hipnotizada o VendedorDeConchas acompanhava as tendências da temperatura e guiava o Cego por entre caminhos mais ou menos seguros onde a água jorrante dos canos rebentados fazia corredor para quem se atrevia a circular por entre a selva de labaredas que o vento açoitava

— te peço, vê você que tens vistas abertas, eu estou sentir na pele, mas quero ainda imaginar na cor desse fogo

o Cego parecia implorar numa voz habituada a dar mais ordens que carícias, o VendedorDeConchas sentiu que era

falta de respeito não responder àquela dúvida tão concreta que pedia, numa voz de carinho, uma simples informação cromática,

embora difícil e talvez impossível

o miúdo puxou de dentro de si umas lágrimas quentes que o levassem até a infância porque era aí, nesse reino desprevenido de pensamentos, que uma resposta florida poderia nascer, viva e fiel ao que via

— não me deixe morrer sem saber a cor dessa luz quente as labaredas gritavam com força e mesmo quem fosse cego de ver devia sentir uma sensação amarela de invocar memórias, peixe grelhado com feijão de óleo de palma, um sol quente de praia ao meio-dia, ou o dia em que o ácido da bateria lhe roubou a animação de ver o mundo

— mais-velho, estou a esperar uma voz de criança para lhe dar uma resposta

vista de perto ou de longe, a noite era uma trança em negrume e clausura, a pele de um bicho noturno pingando lama pelo corpo, havia estrelas em brilho tímido no céu, torpor de certa maresia e as conchas na areia a estalar um calor excessivo, corpos de pessoas em cremação involuntária e a cidade, sonâmbula, chorava sem que a lua a aconchegasse

o Cego tremeu os lábios num sorriso triste

— não demora, candengue, a nossa vida está quase grelhada

as nuvens longe, o sol ausente, as mães gritando pelos filhos e os filhos cegos não viram a luz fátua dessa cidade a transpirar sob o manto encarniçado, preparando-se para receber na pele uma profunda noite escura — como só o fogo pode ensinar

as línguas e as labaredas do inferno distendido numa caminhada visceral de animal cansado, redondo e resoluto, fugindo ao caçador na vontade renovada de ir mais longe, de queimar mais, de causar mais ardor e, exausto, buscar a queima de corpos em perda de ritmia humana, harmonia respirada, mãos que acariciavam cabelos e crânios alegres numa cidade onde, durante séculos, o amor tinha descoberto, entre brumas de brutalidade

um ou outro coração para habitar

— mais-velho, qual era mesmo a pergunta?

a cidade ensanguentada, desde as suas raízes ao alto dos prédios, era forçada a inclinar-se para a morte e as flechas anunciadoras do seu passamento não eram flechas secas mas dardos flamejantes que o seu corpo, em urros, acolhia em jeito de destino adivinhado

e o velho repetiu a sua fala desesperada

— me diz só a cor desse fogo...

Odonato escutou a voz do fogo

viu-o crescer nas árvores e nas casas, lembrou-se das brincadeiras em criança, o fogo era feito com belos traçados de pólvora roubados na venda do padraço, desenhos labirínticos em fina quantidade, no chão, um fósforo depois incendiando a perigosa brincadeira até que, um dia, por curiosidade e determinação, decidiu experimentar um pequeno carreiro na palma da mão esquerda. sem hesitar, acendeu a pele e a dor — era essa a marca que agora acariciava enquanto um fogo maior consumia a cidade numa gigantesca dança de amarelos a ecoar no céu

o fogo urrava

Odonato já não tinha força para desenhar nos lábios um gesto mínimo de espanto ou o que fosse um vulgar sorriso, a temperatura chegava-lhe à alma, os olhos ardiam por dentro

chorar afinal não tinha que ver com lágrimas, antes era o metamorfosear de movimentos internos, a alma tinha paredes — texturas porosas que vozes e memórias podiam alterar

— Xilisbaba... — olhou as suas mãos mas não as viu. — onde estás, meu amor?

no primeiro andar do prédio, Xilisbaba tinha o corpo encharcado de água para se proteger do fogo, respirava com dificuldade e tossia devagar como se não quisesse emitir ruídos

na mão apertava um pequeno pedaço de sisal, imitando aquele que o marido tinha atado ao seu tornozelo esquerdo, o suor e os movimentos de Xilisbaba desfaziam a corda em fiapos empapados que depois lhe cobriam os pés, os demais olhavam para ela guiando-se pelos ruídos e pela imagem ondulante dos seus cabelos

lá fora, gritavam vozes humanas
as mãos das mulheres atraíram-se, gesto delicado, quase
secreto, mais para dividir receios que temperaturas

MariaComForça sentiu que devia invocar outras forças
para aplacar as lágrimas da comadre

no rosto de Xilibaba as lágrimas escorriam em caudais regulares, MariaComForça buscou olhar o seu rosto, adivinhou-lhe os traços — escarpas de sal —, pressentiu-lhe a tristeza pelo ar libertada, quis tomar-lhe o pulso mas o bombear do coração de Xilibaba, pensando no marido isolado no topo do prédio, era apenas um silencioso murmúrio de veias

— Maria... quero ver o meu marido uma última vez...
para lhe falar as coisas que uma pessoa cala a vida toda

a mão de MariaComForça fez pressão de conforto e Xilibaba deixou-se escorregar encostando à parede as suas roupas, os seus sapatos, os seus cabelos e a sua alma

— calma só, comadre, o fogo é como o vento, grita muito mas tem voz pequenina.

o Prédio tinha sete andares e respirava como uma entidade viva

havia que saber os seus segredos, as características úteis ou desagradáveis das suas aragens, o funcionamento dos seus canos antigos, os degraus e as portas que não davam para lugar algum. vários bandidos haviam experimentado na pele as consequências desse maldito labirinto com passagens comunicantes de comportamentos autónomos, e mesmo os seus moradores procuravam respeitar cada canto, cada parede e cada vão de escadas

no primeiro andar, os canos rebentados e uma tremenda escuridão desencorajavam os distraídos e os intrusos

a água abundava, incessante, e servia a finalidades múltiplas, dali saía a água para o prédio todo, o negócio de venda por balde, lavagem de roupa e viaturas,

AvóKunjikise era das poucas a atravessar o alagado território sem molhar os pés nem nunca ter experimentado a tendência de escorregar

— *isto é um rio* — dizia, sempre em umbundu — *só faltam peixes e jacarés*

a velha chegou a Luanda dias depois da morte da verdadeira mãe de Xilisbaba e, não aguentando com a fome, irrompeu pela cerimónia fúnebre confessando entre lágrimas a urgência da sua necessidade, pediu desculpa pela sua atitude e, marcando o uso definitivo de um umbundu cerrado, olhou Xilisbaba no fundo dos olhos e falou

— *posso rezar pela morte de quem morreu. a minha voz chega até o outro lado...*

Xilisbaba, que já sabia ler a vida pelo seu lado mais verdadeiro, acolheu a velha com um copo de vinho tinto, cedeu

o seu lugar, pediu que trouxessem um prato de comida com o melhor calulú do comba e teve o cuidado de prevenir que não servissem funji de mistura porque a senhora era como ela, precisava de fuba de milho para aguentar as loucuras e os ritmos de Luanda

— *a tua mãe está a rir* — a velha falou

— a minha mãe agora és tu — respondeu Xilisbaba

durante o funeral, e depois das dívidas contraídas para que a senhora tivesse os merecidos comes e bebes em sua honra, Odonato emagreceu para além dos limites regulares da penúria

Xilisbaba notou que o marido se tornava mais silencioso, falava com os filhos, comentava assuntos banais com os vizinhos, procurava trabalho e ajustava as pilhas do rádio que não davam energia apesar dos banhos de sol

mas todos os seus gestos, o caminhar pela manhã, coçar a cabeça enquanto lia o jornal encontrado na rua, vestir-se ou espreguiçar-se, todos esses gestos já não produziam ruído algum

a mulher entendeu que, de certo modo, era o marido quem verdadeiramente estava de luto,

no seu olhar estava distante, Xilisbaba viu-o ainda jovem e sonhador, atrevido com as mãos e a boca, no tempo em que a surpreendia no primeiro andar alagado, ela a subir com a fruta, ele a esmagar a fruta no corpo da mulher que ria devido à surpresa sabida de fim de tarde

Odonato movia apenas os dedos, os dedos da mão direita acariciavam o anel na mão esquerda, Xilisbaba viu Odonato retirar o anel do dedo e guardá-lo no bolso, o diâmetro do dedo já não segurava o matrimonioso anel

suspirou fundo

moléculas de oxigénio inundaram o seu coração, depois as veias e a cabeça, energias renovadas viajaram até às extremidades do seu corpo mas o fenómeno já se havia desencadeado

o oculto é como um poema — chega a qualquer momento.

os seus pés estavam habituados a percorrer muitos quilómetros por dia, eram pés antigos num corpo jovem

o VendedorDeConchas apreciava pisar a areia da Praia-Dallha e o chão brilhante dos seus pesadelos noturnos, tinha casa na vizinha província do Bengo mas apaixonara-se desde cedo por Luanda, por causa do seu mar salgado

chamava o mar de “mar salgado”

e olhava-o todos os dias com a mesma paixão, como se apenas ontem o tivesse conhecido com a pele e a língua

mergulhava devagar — tocasse uma mulher —, provava o sal e revivia o espanto de sempre, mergulhava o tempo que os seus pulmões permitissem e o seu olhar aguentasse, conhecia as rochas e as canoas, os pescadores e as quitandeiras, tinha entranhado nas mãos o odor quente do peixe-seco que ajudava a arrumar e, sobretudo, conhecia as conchas

as conchas

crescera no Bengo, de rio em rio, de cacusso em cacusso,

mas um dia encontrou o mar salgado com as canoas, as varas de ximbicar e as conchas

— mais-velho, ainda me faça uma dessas varas de ximbicar

— você nem tem canoa, nem vai no mar

— ... eu quero uma vara para ximbicar na terra mesmo: vou ximbicar a vida!

na PraiaDaIlha era tido como jovem esforçado e honesto

ajudava a carregar peixe, sempre com um sorriso de simpatia e inocente sedução, vendia e fazia entregas, enviava sal e dinheiro para os familiares no Bengo

os pés do VendedorDeConchas, ao longo dos anos, cristalizaram-se como o fundo externo das canoas da Ilha, cacos e pregos apenas geravam uma ligeira comichão, mas apesar disso usava os chinelos de couro oferecidos pelo primo

o fio de missangas ao pescoço

o saco de conchas às costas, os olhos semicerrados que não mostravam segredos

ouvira falar de MariaComForça, dedicada a tantas atividades financeiras, e pensara que talvez pudesse interessar-se pelas suas conchas

tinha-as de todas as cores e feitios, para uso prático ou simples adoração, em tantos formatos e preços que era impossível cruzar com este jovem sem cair na tentação de guardar uma concha para uso imediato ou futuro: às mulheres falava devagar para dar espaço à imaginação e necessidade de cada uma, aos fiscais de rua oferecia conchas de pendurar no cabelo para ofertarem às suas amantes, aos homens fazia sugestões concretas para uso no escritório ou nas via-

turas, às mulheres dos embaixadores apresentava as conchas como objetos exóticos que mais ninguém se lembrava de oferecer no natal, aos fabricantes de candeeiros falava das vantagens das enormes conchas ocas e do efeito da luz sob aquele material marítimo, aos padres exemplificava a diferença que aquilo faria num altar, às velhas recomendava como recordação, às jovens como penduricalhos originais, às crianças como brinquedos de fazer inveja a outras crianças, às freiras vendia conchas juntas em formato de crucifixo, aos donos de restaurantes vendia-as como pratos de aperitivos ou cinzeiros, às costureiras salientava o potencial criativo do material e os seus tintilantes ruídos, às cabeleireiras fazia ver que as missangas já haviam passado de moda e, aos bandidos, o VendedorDeConchas desculpava-se rapidamente pelo facto de apenas transportar um saco cheio de coisas que não serviam para nada,

foi num semáforo vermelho que o VendedorDeConchas conheceu o Cego, fez deslizar o saco das costas para o chão e o Cego gostou do barulho das conchas

— você ouve bem?

— não percebo

— você ouve mesmo bem?

— escuto só normalmente. está a falar do barulho do saco? são conchas

— sei que são conchas. sou Cego mas conheço o barulho das coisas. não é isso...

— então é o quê?

— é que eu posso ouvir o barulho do sal dentro das conchas
o VendedorDeConchas não soube o que dizer, o Cego não disse nada

o sinal ficou verde mas nenhum deles se moveu.

Xilibaba saiu do candongueiro com sacos de verduras, acompanhada da filha Amarelinha, os lábios do VendedorDeConchas ficaram sérios, não compreendia o olhar de Amarelinha que transpirava e equilibrava outros sacos

— o que foi então? — perguntou o Cego

— não sei — o VendedorDeConchas voltou a içar o saco o barulho das conchas, ou do sal, chamou a atenção de Amarelinha

o seu corpo passou junto dos dois, mas só o Cego soube pensar quantos cheiros levava aquele corpo: manga madura, lágrimas noturnas, chá preto e chá de raiz de mamoeiro macho, dinheiro sujo, omo para a roupa, sisal antigo, jornal, poeira de carpetes, mufete

mãe e filha caminhavam rapidamente em direção ao prédio, entraram desviando as poças perto da caixa vazia do elevador, Amarelinha arregaçou um pouco o vestido e seguiu a mãe que conhecia as escadas melhor do que ela

cruzaram-se, no quarto andar, já muito ofegantes, com o vizinho Edú

— como é, Edú, estás melhor?

— melhor já não fico. pior também não tenho estado. vamos indo, dona Xilibaba

— tá bem

— queria ajudar, mas nem tenho forças — ele abria as mãos enormes em jeito de desculpa

- não te preocupes. já só faltam dois andares
- as águas lá em baixo estão controladas?
- sim, tudo normal

Edú vivia permanentemente no quarto andar, e o trajeto mais longo que fazia era do interior do seu apartamento até ao corredor, para fumar e respirar o ar poluído de Luanda, caminhava com dificuldade e já fora visitado por especialistas internacionais interessadíssimos no seu caso

tinha uma gigantesca hérnia junto ao testículo esquerdo, aquilo que usa chamar-se mbumbi, que alterava de tamanho conforme as tendências climatéricas mas obedecendo também a fatores psicossomáticos, motivo pelo qual era visitado por variada gama de estudiosos, desde as áreas exatas às sociais, passando também pelos metafísicos, os curandeiros e até alguns curiosos. segundo se dizia, não aceitara os convites de angolanos, suecos ou cubanos para fazer a operação porque ninguém lhe oferecera ainda uma quantia que pudesse cobrir-lhe o medo

— além do mais, já estou habituado assim: cada um é como cada qual...

Amarelinha olhava para o chão, esperando que a mãe retomasse o fôlego para continuar

— a sua filha está cada vez mais bonita — comentou Edú — um dia destes vai nos apresentar o namorado dela

Amarelinha ficou atrapalhada, sorriu por gentileza, subiram o resto das escadas em silêncio

no quinto andar vivia o CamaradaMudo, prestável e silencioso, excelente cozinheiro de grelhados devido ao seu modo secreto de preparar o carvão, sobretudo no caso de haver pouco carvão

do seu apartamento saía a música “muxima” cantada por WaldemarBastos e Xilisbaba voltou a lembrar-se do marido o CamaradaMudo estava sentado à porta a descascar batatas e cebolas, dois sacos enormes, e Amarelinha espantou-se, uma vez mais, com a paciência daquele homem para executar a tarefa

todos sabiam que em matéria de descascar o CamaradaMudo era incansável e perfeccionista

— bom dia — murmurou

— bom dia — respondeu Xilisbaba

os vizinhos recorriam à sua afiada navalha militar por hábito, as quitandeiras do rés do chão, que vendiam pinchos e sandes de pão com chouriço para os apressados também apelavam aos seus serviços domésticos para preparar a batata frita em óleo cansado

chegaram ao sexto andar

Amarelinha largou os sacos à porta de casa e bateu duas vezes, devagar

AvóKunjikise veio abrir

um antigo regador metálico esperava Amarelinha no corredor e a fileira de vasos coloridos foi cuidadosamente regada. Amarelinha tinha os mesmos gestos precisos e delicados como se fosse neta de sangue da AvóKunjikise, e estas mesmas mãos, à tarde, ocupavam-se de fios e missangas para inventar colares, anéis e pulseiras à medida das meninas que inventavam motivos para os comprar

— vamos fazer um bom negócio, minha queriducha — dizia-lhe MariaComForça, a moradora do segundo andar — tu entras com a mão das obras, eu faço a venda direta aos clientes

sob o olhar atento do marido, Xilibaba arrumava as coisas nos armários da cozinha, Odonato observava as pessoas atentando aos modos das suas mãos, gostava de ver a AvóKunjikise cozinhar devagar, fingia ler o jornal mas admirava a rapidez e a precisão dos gestos missangueiros da filha, ele mesmo havia sido habilidoso com a madeira mas as ocupações dos tempos de funcionário público haviam desfeito parte dessa sua sensibilidade

— carimbar documentos... foi isso que matou os meus gestos redondos

Odonato observava as mãos e os alimentos: tudo oferecido ou encontrado nos restos do supermercado onde algum conhecido trabalhava

— agora comemos só aquilo que os outros já não querem — comentou

— é pecado deitar fora comida ainda boa

— é pecado não haver comida para todos — concluiu Odonato, saindo da cozinha e dirigindo-se à varanda

olhou a cidade, a azáfama caótica de carros, gente que circulava apressada, vendedores, motas chinesas, grandes jipes, um carteiro, o carro que passou com a sirene ligada e um Cego de mãos dadas a um jovem com um saco às costas

— preocupado? — Xilibaba aproximou-se

— o Ciente não dá notícias, ninguém sabe dele

CienteDoGrã, filho mais velho de Odonato, passou a adolescência errando de bar em bar, foi sócio de uma afamada discoteca mas terminou como porteiro sempre atrasado, roubou agulhas numa farmácia chegando a costumeiro consumidor de heroína e, na sua tardia juventude, inserido num

grupo rastáfhári de Luanda, conseguiu ficar-se pela diamba e pelos pequenos furtos

desorientado por vocação, acordava cedo para ter mais tempo de não fazer nada, e alimentava a obsessão de vir a ter um jipe americano GrandCherokee, os amigos batizaram-no “Ciente do GrandCherokee” e rapidamente foi abreviado para CienteDoGrã

— podemos fazer alguma coisa?

— apenas esperar que ele não faça mais nada.

o Carteiro suava e usava um lenço completamente molhado para enxugar o suor, há meses que requisitara ao seu chefe, um mulato gordo de Benguela, uma moto para o seu árduo trabalho de distribuição

— uma moto? não me faças rir. se te dermos uma troinete já vais com sorte. se não queres o emprego, tem quem queira. uma moto... olha que esta!

pensou o Carteiro que, por escrito, poderia ter mais sorte

escreveu setenta cartas à mão, em papel azul de vinte e cinco linhas, todas devidamente seladas e distribuiu-as pela clientela fina do Alvalade, Maianga e Makulusu, não esquecendo deputados, influentes empresários e o próprio MinistroDosTransportes

explicou a relação dos fatores, a quilometragem que a sua ocupação implicava, as discontinuidades geográficas e, invocando um improvisado mandamento internacional dos carteiros, requisitou, ao menos, uma bicicleta de dezoito mudanças com manutenção garantida pelos serviços competentes mas

nunca obteve uma resposta

— o teu serviço é distribuir cartas, não é escrevê-las —
riu-se o chefe

o Carteiro decidiu fazer uma pausa, abriu o saco de couro e escolheu uma carta ao acaso, abriu-a cuidadosamente e certificou-se de que trazia consigo um pouco da cola branca de farinha que usava para fechar as cartas que lia

tinha uma letra bonita mas incerta e, nas margens, existiam desenhos de pássaros e nuvens, outros sinais lembravam coordenadas geográficas iguais às que havia estudado, no tempo dos portugueses, na sua cidade natal

— não vai um pincho quente, camarada Carteiro? —
perguntou MariaComForça enquanto fazia dançar as brasas

— vai, se for assim de kilape, tou fraco de kwanzas

— kilape só faço com um adiantamento de cumbú —
ela riu

— quer dizer, você é malandra! isso é um contrakilape. isso pode-se fazer?

— aqui em Luanda há alguma coisa que não se pode fazer?

o Carteiro engoliu a saliva da sede e a da fome juntas, MariaComForça sentiu pena, mas pena não dava dinheiro e a cidade estava demasiado cara para caridades

— a ler as cartas dos outros, camarada Carteiro?

— é só uma distração de distrair. eu faço como as crianças: esqueço tudo logo a seguir

MariaComForça mexeu nas brasas com os dedos, soprou o carvão de modo certo e, entre os fios da fumaça, olhou o Carteiro

— quem me dera ainda saber esquecer...

o Carteiro fez uma careta, procurando expelir um pouco

do calor, pediu um copo de água, releu pedaços da carta e confirmou que havia sido entregue nos correios da cidade do Sumbe

— boas notícias?

— nem sei dizer. quem mora aqui no quinto andar?

— o CamaradaMudo

— ele vai me dar boa gorjeta se eu subir?

— isso já não sei...

o Carteiro parou no primeiro andar para habituar os olhos à escuridão

a água acontecia por corredores invisíveis, molhava os seus pés sobre sandálias gastas

primeiro sentiu uma tontura, uma tontura ao contrário, não era a cabeça que rodopiava, eram os pés que pareciam querer ensaiar minúsculos passos de dança

“talvez seja fome”, pensou

a fome que traz aos humanos as mais bizarras sensações e as mais improváveis ações, a fome que inventa capacidades motoras e ilusões psicológicas, a fome que desbrava caminhos ou promove desgraças, mas não,

ele soube que era o local, porque havia ali um cheiro que não se deixava sentir e um vento que não queria circular, a água, que se pressentia sem se deixar ver, obedecia a um fluxo que não era natural, talvez uma força circular

— as coisas que uma pessoa pensa a meio do dia... ou da fome...

os olhos habituaram-se à escuridão e pareceu-lhe estar isolado do mundo externo

escutava os sons da rua como que filtrados, apenas transportando o essencial de cada conversa ou pensamentos

— ainda alguém me vai acusar mas é de estar a fumar
diamba na hora do expediente

a luz não tinha explicação de cor, inventava tons amare-
los no branco sujo da parede, servia-se da água para se rein-
ventar em novos cinzas que não sabiam ser escuros; a água
devolvia aos olhos do Carteiro pequeníssimos feixes azuis,
avermelhados, cascatas concentradas

o seu pensamento ficou mais arejado, a fome abrandou

— se for assim, é melhor ficar aqui um pouco

quando se ia encostar à porta do que antigamente fora
um elevador, sentiu que um calor interno lhe nascia nos tes-
tículos, há muito que não sentia a sensação assim tão nítida,
olhou para a entrada, depois para as escadas, ninguém por
perto

passou a mão ao de leve pela calça, sentiu o seu pénis em
quase desrepouso nas cuecas rotas, fechou os olhos, absor-
veu uma vez mais aquela absurda frescura

os seus testículos acordaram

sentiu-se embaraçado, cobriu a parte frontal do seu cor-
po, respirou profundamente; pensamentos húmidos invadiam-
-lhe a mente, transpirava por dentro como se lhe chegasse
um medo infantil, divertido

só depois subiu

estranhando o silêncio,

não via gente nos patamares, e surpreendia-o a ausência
de crianças

ouviu, quando chegou ao terceiro andar, uma voz que
cantava uma melodia seca, certamente proveniente de um
antigo gira-discos de quarenta e cinco rotações

era jazz

ajeitou o pesado saco, mudando-o de ombro, e sentiu um agradável alívio

o lugar onde o saco havia feito pressão dava lugar aos contornos normais da sua pele, fez movimentos circulares com os dedos, gostava de sentir que a pele voltava ao seu sítio, acariciou também o outro ombro, o que agora se deformava

a larga tira da sacola era feita de um material que só imitava uma corda robusta mas nunca lhe havia deixado mal durante todos estes anos, só os seus ombros sabiam dos segredos daquela textura, uma espécie de cicatriz provisória, resolvida com a alternância de ombro e as carícias circulares

— ao menos uma bicicleta, já não digo uma motorizada aproximou-se devagar, ajeitando o cartão antiquado e poeirento que o identificava como trabalhador do Serviço-NacionalDosCorreios, pegou novamente na carta e, com uma mirada certa, confirmou que tinha voltado a fechá-la, fingiu reler um endereço

quinto andar, prédio da Maianga, ao portador. ps: prédio com um buraco enorme no rés do chão. não haja dúvidas

o CamaradaMudo descascava batatas sem sorrir, afagava ocasionalmente o bigode farto, deixava os chinelos por perto mas era comum deslocar-se descalço, mesmo na presença dos vizinhos

o Carteiro tossiu

algures em Luanda, longe dali, um jacó assobiou a mesma melodia que o gira-discos emitia, o Carteiro olhou para o CamaradaMudo com a faca afiada na mão esquerda. a batata pingava uma água já barrenta

— desculpe não chegar aos chinelos — falou, finalmente, o CamaradaMudo